



## A GÍRIA JUVENIL EM TRÊS CONTEXTOS LATINOAMERICANOS: CUBA, BRASIL E CHILE

M. Luisa Ortiz Alvarez<sup>1</sup>

### RESUMEN:

*LA JERGA JUVENIL EN TRES CONTEXTOS  
LATINOAMERICANOS: CUBA, BRASIL Y CHILE*

*La jerga es un vocabulario típicamente oral, y cuando aparece en la escritura, es especialmente en textos periodísticos, literarios y en el teatro, a fin de dar mayor realidad al diálogo. Antes existía prejuicio en relación a estos modismos, pues para muchos eran sinónimo de mundo marginal, de los excluidos de la sociedad por actividades ilícitas o por pobreza, siendo considerado vocabulario de comunidades restringidas. Pero hay también vocabularios y grupos restringidos que no están ligados a la marginalidad ni al crimen. Recientemente se ha estudiado la jerga de los jóvenes, de los estudiantes, del fútbol, etc. El presente trabajo tratará de la jerga juvenil en tres contextos latinoamericanos.*

**Palabras claves:** lenguaje, jerga juvenil, contexto.

### ABSTRACT:

*JUVENILE SLANG IN THREE LATIN AMERICAN  
CONTEXTS: CUBA, BRAZIL AND CHILE*

*Slang is primarily oral vocabulary, but when it appears in written, it does mainly in journalistic or literary and theatrical texts, aiming at giving the dialogues bigger authenticity. In older times there was a great deal of prejudice against slang, since for many it was synonymous of the underworld, the outcast and the poor, that is, the vocabulary of restricted communities. There is, however, the slang of restricted groups which are not necessarily related to crime or poverty. Most recently there have been studies of the slang of the young, of students, of certain sports like soccer, etc. This essay refers to the juvenile slang in three Latin American contexts.*

**Key words:** language, juvenile slang, context.

**RESUMO:** *A gíria é um vocabulário tipicamente oral, mas quando aparece na escrita é especialmente nos textos jornalísticos, literários e no teatro com o objetivo de dar uma maior realidade ao diálogo. Antes se tinha preconceito com relação à gíria, pois para muitos era sinônimo de mundo marginal, dos excluídos da sociedade por atividades ilícitas ou por pobreza, assim visto como vocabulário de comunidades restritas. Mas há também vocabulários e grupos restritos que não estão ligados à marginalidade, nem ao crime. Mas recentemente tem-se estudado a gíria dos jovens, dos estudantes, do futebol, etc. O presente trabalho tratará da gíria juvenil em três contextos latino-americanos.*

**Palavras chaves:** linguagem, gíria juvenil, contexto.

### INTRODUÇÃO

**A** língua é um código que está em contínua mudança, não é algo estático que se estende, por igual, a várias regiões. Ela permite uma multiplicidade de usos dependendo das diversas situações comunicacionais em que os falantes se encontrem. Dentro dessa perspectiva, a prática da linguagem, enquanto discurso e enquanto produção social é a que dá vida à língua posta a serviço da intenção comunicativa. Ao falar sobre esse aspecto, João Wanderley Geraldi, assevera que “a língua não é um sistema fechado, pronto, acabado, de

<sup>1</sup> Ortiz Alvarez, M. Luisa, Instituto de Letras, Universidad de Brasilia, Brasilia DF, Brasil.

que podemos nos apropriar. No próprio ato de falarmos, de nos comunicarmos uns com os outros, pela forma como o fazemos, estamos participando, queiramos ou não, do processo de constituição da língua”. Assim, os processos que constituem essa prática são histórico-sociais e trazem consigo a visão do mundo de seus produtores, pois os indivíduos que utilizam a língua não são seres passivos, eles interferem na constituição do significado do ato comunicativo. Portanto, há uma relação intrínseca entre o lingüístico e o social que precisa ser considerada no estudo da língua.

Para que a comunicação efetivamente exista e ocorra de forma coerente, entre outros requisitos, é necessária a escolha adequada do nível de linguagem a ser utilizado e que o emissor e o receptor estejam em harmonia com o mesmo universo lingüístico. Em geral, podemos delinear três principais níveis ou registros de linguagem: 1) linguagem culta ou variante padrão; 2) linguagem familiar ou coloquial e; 3) linguagem popular. Mas também não devemos esquecer que a língua apresenta variações que o indivíduo usa de acordo com a sua intenção discursiva: a) variação geográfica ou diatópica, que ocorre de local para local, característica de uma região ou até de um continente; b) variação sócio-cultural ou diastrática, que se dá entre as diversas camadas e grupos sociais e culturais e; c) variação de modalidade expressiva ou diafásica, que ocorre entre diferentes modos específicos de comunicar (as linguagens específicas tais como a língua falada, a língua escrita e as linguagens especiais, dentre elas, a gíria), e de acordo com as diversas situações. O presente trabalho tratará de um tipo de linguagem popular, especificamente da gíria, uma linguagem grupal, de acordo com a variação sociocultural ou diastrática e a variação de modalidade expressiva ou diafásica.

## MAS O QUE É GÍRIA?

Segundo Gurgel (2000), a gíria tem cerca de 290 anos. A primeira compilação ordenada de termos usados por grupos sociais foi feita pelo padre Raphael Bluteau, em seu livro *Vocabulo português e latino*, editado em 1712, em Coimbra. No Brasil, foi com a publicação do livro *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida, em 1854, na qual se destacam frases como ‘pôr as manguinhas de fora’ (exibir-se), ‘ter maus bofes’ (mau-humorado) e xilindró (prisão). Algumas destas gírias permanecem, até hoje, no nosso vocabulário.

A gíria diz respeito a um conjunto de vocábulos e expressões, características de certos grupos sócio-profissionais e classes sociais, a que se recorre quando a linguagem corrente não consegue dar resposta a certas necessidades da comunicação, ou quando se deseja manter alguma coisa em segredo dentro de um grupo restrito de pessoas. Em geral a gíria se utiliza para lograr a comunicação entre indivíduos que realizam atividades em comum, com o objetivo de evitar que a mensagem possa ser captada por outras pessoas alheias ao grupo. É uma linguagem gremial ou de convivência. Assim, nos grupos que a praticam ela desempenha uma função especial: é a senha da confraria, serve como marca desse grupo. Portanto, existem tantas gírias quantos forem os grupos que as utilizam: gírias dos jovens, dos jornalistas, dos médicos, dos policiais, dos marginais, dos aeronautas, dos engenheiros, etc.

Relembremos a visão da língua como um fato social, sendo também necessário –já que abordaremos a linguagem do adolescente– fazermos uma distinção entre linguagem

especial e gíria. Podemos afirmar que nas linguagens especiais encontramos fatores psicológicos e sociais, entre outros, que agrupam as pessoas de acordo com a profissão, a religião, as atividades esportivas, etc. Esses grupos se expressam através do sistema lingüístico comum a todos, fazendo uso de certas particularidades expressivas e representativas desse sistema. Sabemos que a gíria dá um novo significado a formas já existentes ou que tenham sido alteradas nesse sistema lingüístico comum. O objetivo da gíria é não se fazer entender por quem não pertence a um determinado grupo. Logo, ela pretende manter a identidade e a consciência de um determinado grupo social. Por isso, a diferença básica entre a gíria e a linguagem especial está no paradoxo existente entre a originalidade e o anonimato. Ou seja: a criação de termos e expressões pode servir ao desejo de não se fazer entender por estranhos ao grupo, mas a esse objetivo pode-se acrescentar à natural necessidade de auto-afirmação desse mesmo grupo, o que o levaria a buscar meios de imposição de sua expressão lingüística. Toda gíria é uma linguagem especial, mas nem toda linguagem especial é obrigatoriamente uma gíria, o que se poderia condensar na definição dada por Zélio dos Santos Jota (1976: 154), ou seja, a gíria é uma *“linguagem especial de conteúdo expressivo vigente em um grupo social”*.

Dauzart (1946) afirma que o processo de formação da gíria é um fato absolutamente normal que vem da própria evolução das línguas e está ligada a um fenômeno social concreto, ela se enriquece ou empobrece, em casos extremos aparece ou se extingue, dependendo do auge ou diminuição dos aspectos sociais relacionados. Por essa razão, a soberania do povo tem todo o seu valor e predomínio no idioma, pois ele cria e recria o seu patrimônio lingüístico. A seguir mostraremos as definições de alguns autores sobre a gíria.

[gíria é] em sentido lato, [a] linguagem especial de um grupo social ou classe profissional; em sentido restrito, linguagem particular de um grupo caracterizada por deformações intencionais, criações anômalas, transformações semânticas, de caráter burlesco, jocoso ou depreciativo. (Luft, 1973: 91)

[num sentido lingüisticamente] mais técnico: representa exclusivamente uma forma de língua na qual o léxico específico está ligado a um grupo social, ou porque o grupo tem uma vida fechada (a gíria politécnica), ou porque ele elaborou uma língua secreta que o protege (a gíria dos malfetores, a gíria dos mercadores, comerciantes). (Mounin, 1993: 40)

[a gíria é uma] variedade lingüística compartilhada por um grupo restrito (por idade ou por ocupação), que é falada para excluir da comunicação as pessoas estranhas e para reforçar o sentimento de identidade dos que pertencem ao grupo. (Cardona, 1991: 159)

Como se pode observar, todos os especialistas coincidem em que a gíria é uma linguagem de grupo que o identifica. Por outro lado, a gíria é pouco resistente ao tempo, pois como as coisas se renovam rapidamente, ela também é renovável, permanece por um tempo, mas ao esgotar-se como meio expressivo, desaparece. Assim, as gírias podem ser:

- criativas, que causam hilaridade ou curiosidade em pronunciá-las.  
Por exemplo: crocodilo = traidor, cobra, esta última pode ter conotação negativa e conotação positiva = ela é uma cobra e ele é um cobra.
- comparativas, aquelas que se associam a um fato ou objeto.  
Por exemplo: cano = revólver; chegado = amigo, cana = prisão.
- de defesa, usadas como código entre presos e outros grupos fechados.  
Por exemplo: bicuda = estoque; goró = bebida alcoólica.

Evanildo Bechara, na edição revista e ampliada da sua *Moderna gramática portuguesa*, (1999, p. 351), cita a gíria como “*uma forma de renovação lexical, através de um empréstimo feito por uma comunidade lingüística a outra comunidade, dentro da mesma língua histórica*”. Dino Preti (1999) diz que “*a gíria provém do dinamismo por que passa a sociedade moderna, da velocidade das mudanças e do abandono das tradições*”. Para ele há três fatores definidores das características da gíria: dinamismo, mudança, renovação. A gíria tornou-se, assim, um recurso disponível para que as pessoas pudessem de comunicar a se entender de foram mais direta, mais simples, mais ousada e mais permissiva, também.

Caetano Veloso, numa entrevista para *Revista Bondinho* Nº 38 (2005) afirma:

[...] a gíria facilita... é maravilhoso porque a gente começa a usar muita gíria quando a linguagem que todo mundo tá usando não serve mais pra definir certas coisas. Quer dizer, linguagem muito carregada de gíria nasce de minorias, né? E é uma forma também de defesa, uma forma de entendimento rápido, e é maravilhoso. Um grupo que está em maior ou menor medida marginalizado da sociedade, a primeira necessidade é inventar uma linguagem nova, né? Por exemplo, quem falava mais gíria no Brasil antigamente era o pessoal dos morros do Rio, entendeu? Marginalizados da vida da cidade eles tinham uma linguagem própria. Como vive uma realidade diferente, o cara tem que usar palavras para sentimentos e situações muito particulares e que não são iguais ao que toda a cidade fala, não pode ser a mesma linguagem. É uma coisa fantástica. Então, de certa forma, ultimamente todo o pessoal da classe média, o jovem, se identificou com isso porque se sentiu marginalizado ou se automarginalizou do todo da sociedade. Seja em maior ou menor medida há uma marginalização e uma automarginalização da juventude da classe média, né? Tudo isso que se chama hippie, juventude transviada, *freaks*, etc., tudo isso é que a gente se marginalizou de certa forma da sociedade em maior ou menor medida. Mas chega o momento em que me sinto um pouco chateado quando o pessoal só fala gíria. Porque você perde a precisão, tá entendendo? As palavras são vagas, uma palavra serve pra mil coisas: isso é lindo porque é poético, você cria uma palavra que é sintética. Quando você fala “grilo”, não pode traduzir literalmente por medo, não é que você escolheu uma palavra pra substituir medo. Grilo é um tipo de sentimento que não é propriamente medo, entende? Então abrange uma área de significados muito grande, vaga e mutável.

A gíria é um vocabulário de grupo, surge do grupo e é assumida por ele. Por exemplo, a palavra *cachorra*, no grupo Funk é usada em determinada situação com determinado sentido. Depois, quando a gíria se espalha, sai do grupo e vai para a sociedade, pode até ser contestada, pode deixar de ser vista como gíria e passa a fazer parte da linguagem popular. Mas a gíria é, de fato, vocabulário de grupo. A gíria funciona como defesa e identificação de grupo. A gíria também identifica as pessoas quanto à idade. Se empregarmos uma gíria em desuso, identificamos nossa idade. Isso demonstra a transformação constante no tempo e no espaço a que está sujeito esse vocabulário.

Há quem diga que a gíria empobreça a linguagem, mas ela não empobrece, ela renova. Por outro lado, reflete, sim, a limitação do vocabulário. Mas, se tirar, por exemplo, a gíria da novela, dos programas de televisão, das revistas, os meios de comunicação poderiam ir à falência. Se a gíria particular da tribo das patricinhas, por exemplo, cair no gosto da tribo dos surfistas, ela logo deixa de ser das patricinhas, que, imediatamente, arrumarão outra gíria para substituí-la. A gíria é quase que uma grife, tem que ser um pouco exclusiva. A afirmativa de que cada época tem sua gíria é verdadeira. A principal característica da gíria é sua relação com a moda. Ela surge, cumpre seu papel num contexto histórico e morre.

## A GÍRIA JUVENIL

Muitas vezes a gíria se identifica com o comportamento dos grupos mais agressivos, por exemplo, os jovens, marcados pela insatisfação, rebeldia e pelo espírito de irreverência para marcar a sua oposição e hostilidade com relação a comportamentos padronizados. Assim, em toda parte, a juventude constrói formas próprias de existência, de comunicar-se entre si e com os outros, de forma mais dinâmica e explosiva. A proliferação desses estilos mostra que os jovens formam um segmento dentro da sociedade e lutam pela busca de autoafirmação. Portanto, a gíria pode funcionar como mecanismo de catarse social, uma maneira do(s) individuo(s) extravasar a sua frustração e revolta em relação às injustiças sociais, por meio de ironia, humor, agressividade, de oposição a tudo que remete aos valores estabelecidos pela sociedade, aos tabus morais cristalizados pela tradição (Preti, 2000). Há estudos recentes sobre a gíria dos jovens no Brasil (Connie, 1996. Rector, 1994, dentre outros).

A gíria é usada pelos jovens como uma forma de se unirem. Como via de regra, assumem uma postura de afronta aos valores da maioria. *“É muito comum ela ser usada durante a pré-adolescência e a adolescência, na chamada fase do grupo”*, diz a psicóloga paulistana especialista em crianças e adolescentes Vera Cristina Soumar. Segundo essa especialista, nessa época, o jovem começa a sair do núcleo familiar para formar seu próprio grupo. Para se sentir mais confiante nesse momento de insegurança tanto física quanto psíquica, cria seu próprio vocabulário, seu código, como se os outros não pudessem entendê-lo. É o mesmo fenômeno que acontece com as roupas. É muito comum ver um grupo de adolescentes vestindo peças exatamente iguais. Eles têm nas gírias um recurso para se comunicar, se fazer entender pelas demais pessoas, já que ela facilita a comunicação. Os pais mais precavidos com o vocabulário dos jovens não precisam levar a preocupação tão a sério, por seus filhos utilizarem esse tipo de linguagem. Não há motivo para chamar a atenção em cima de um comportamento que deve diminuir. *“É preciso entender que esse é o momento de o adolescente criar asas: criar seu espaço, de poder se tornar um adulto seguro, independente”*, diz Vera Cristina Soumar. Motivo de preocupação, portanto, apenas seria se essa mania se transformar em agressividade.

Dino Preti, em entrevista concedida em 15 de março de 2005, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, afirma que, na verdade, todo mundo usa gíria e mesmo assim há um forte preconceito contra ela:

Procuramos dirimir esse tipo de pensamento e os alunos gostam muito porque fazem pesquisas interessantíssimas a respeito. Ao responder à pergunta sendo a gíria um fenômeno sociolinguístico polêmico, como ela tem na integração social seu papel, até que ponto ela pode ser “benéfica” ou “maléfica” para os grupos usuários?, Acho que em linguagem não há essa história de “benéfica” ou “maléfica”. Há variantes lexicais. Há variantes de maior prestígio e de menor prestígio. A gíria, de maneira geral na sociedade, é uma variante de baixo prestígio porque está ligada à linguagem dos jovens, do povo às vezes sem cultura; ou no caso da gíria de grupo, que é a mais interessante, está ligada às atividades marginais, às prisões, aos drogados, etc. Depois que a gíria sai desses âmbitos privados e se espalha, torna-se uma linguagem comum, que todo mundo usa. Existe, porém, esse estigma que se prolonga não sei por que; na verdade, a gíria em determinadas ocasiões é até a melhor linguagem. Depende do contexto e da situação. Torna-se inconveniente só quando usada. Hoje todos estigmatizam a gíria dizendo que é uma linguagem baixa, de gente inculta, quando na verdade ela se espalha rapidamente e passa a ser uso comum de toda a sociedade. As gírias usadas em situações informais, coloquiais,

funcionam muito bem entre os jovens e são elementos de interação. Mesmo as pessoas mais velhas, quando querem mostrar jovialidade e simpatia, usam palavras de gírias para se aproximarem dos mais jovens. Nesse aspecto, um falso preconceito é pensar que a gíria seja “maléfica”. Acho que nenhum vocábulo, nem mesmo o palavrão é maléfico, há situações em que somente o palavrão resolve. São recursos expressivos da língua, fazem parte da linguagem afetiva. Usados devidamente são ótimos recursos. A gíria não é uma linguagem, é um vocabulário, e segue os padrões da língua. Geralmente, a grande fonte do vocabulário gírio são as mudanças de significado para significantes iguais. Por exemplo, *legal* ao invés de *dentro da legalidade* passa a significar bom, ótimo, agradável. As poucas palavras formadas na gíria geralmente são onomatopaicas, como *lelé da cuca* (louco, ruim da cabeça) que traz uma repetição silábica, um elemento sonoro da linguagem.

Alguns compositores também usam com frequência as gírias. Observe o trecho da canção “É”, de Luiz Gonzaga Jr.:

A gente quer calor no coração  
 a gente quer suar, mas de prazer  
 a gente quer é ter muita saúde  
 a gente quer viver a liberdade  
 a gente quer viver felicidade.  
 É, a gente não tem *cara de panaca*  
 a gente não tem *jeito de babaca*...

Nessa letra de Gonzaguinha, vimos o uso das gírias “panaca” e “babaca”. Essa última, por sinal, tem a sua variante culta, “basbaque”, a pessoa que pasma diante de tudo, o tolo. Do termo “basbaque” surgiu a variante “babaca”, uma gíria. “Panaca” é a mesma coisa, uma gíria com significado semelhante a “babaca”.

Várias gírias de décadas anteriores ainda se conservam, por exemplo: a) dos anos 40: balangandans (festas), brotinho (menina), coqueluche (assunto do momento), fuzarca (confusão); b) dos anos 50: bafafá (confusão), chá de cadeira (espera demorada), fuzuê (confusão), paquera (namoro); dos anos, 60: bacana (bonito), cafona (feio), carango (carro), gata (mulher bonita), pra frente (moderno); dos anos 70 temos: bicho (amigo), careta (pessoa conservadora), jóia (tudo bem), tutu (dinheiro); dos anos 80 temos: brega (feio), deprê (deprimido), fio dental (biquíni), mina (garota); já dos anos 90 temos como exemplo: atestado (atento), azaração (namoro), boiola (homossexual), mala (chato), mauricinho (rapaz bem vestido), pagar mico (passar vexame), patricinha (menina bem vestida).

Lourenço Cazarré, jornalista e escritor, fez uma reportagem do *Boletim ANJ* em novembro de 1977 e entrevistou Dino Preti. Nessa ocasião, Preti afirmara:

[...] Ao contrário do que muitos pensam, a gíria não constitui um flagelo da linguagem. Quem, um dia, já não usou bacana, dica, cara, chato, cuca, esculacho, estrilar?

[...]O mal maior da gíria reside na sua adoção como forma permanente de comunicação, desencadeando um processo não só de esquecimento, como de desprezo do vocabulário oficial. Usada no momento certo, porém, a gíria é um elemento de linguagem que denota expressividade e revela grande criatividade, desde que, naturalmente, adequada à mensagem, ao meio e ao receptor. Note, porém, que estamos falando em gíria, e não em calão.

[...]Ainda que criativa e expressiva, a gíria só é admitida na língua falada. A língua escrita não a tolera, a não ser na reprodução da fala de determinado meio ou época,

com a visível intenção de documentar o fato, ou em casos especiais de comunicação entre amigos, familiares, namorados, etc., caracterizada pela linguagem informal.

Assim, se seguirmos a tendência de considerar a linguagem especial dos adolescentes um modo de comunicação que se destina somente aos iniciados, que estão a par de seus significados simbólicos, ela será tomada como gíria. A esse respeito, é interessante observar o fato de muitas revistas se especializarem em assuntos que envolvem os gostos e interesses dos adolescentes, formando um público especial, que entende os termos usados. Sob este prisma, somente esse público iniciado entenderia, a princípio, tal linguagem. Apesar disso, embora inicialmente restrita a um pequeno grupo, muitas vezes ela passa a fazer parte da língua cotidiana. Por isso, é natural a oscilação entre considerar ou não a “língua do adolescente” um caso de gíria, pelo menos no que tange às definições técnicas desse termo. Como a gíria está em contato com a língua comum, muitas de suas leis são iguais às da língua comum, com diferenças apenas no léxico.

Citando a situação específica da linguagem dos estudantes, assim se expressa Mônica Rector:

A “gíria” dos estudantes é uma linguagem especial, própria de um grupo social e etário. Trata-se de termos e expressões que se referem a uma determinada atividade. No caso dos estudantes, a linguagem empregada tem a intenção de fazer com que não sejam compreendidos, principalmente pelos professores e sejam identificados como alunos. Assemelha-se ao que I. Iordan (pp. 632-34) chama de “argot”: a) pertence a uma categoria social determinada, a um grupo de indivíduos que, ao lado da gíria, usam a língua comum, e b) pode ser utilizada com a finalidade de não ser compreendida pelas pessoas que não pertencem ao respectivo grupo. Tem a intenção de “impressionar” e “chamar a atenção” dos não iniciados, sobretudo por parte dos universitários. (1975: 101)

Portanto, para os objetivos a que nos propomos, adotemos a posição de que a linguagem do adolescente é um caso particular de linguagem especial, pois contém características da gíria, mas, ao mesmo tempo, se insere nas relações comunicativas com a língua comum. Fora do rigor técnico, pode-se, todavia, classificá-la como gíria ou jargão, entendendo-a como um conjunto de expressões estilísticas de cunho popular.

A seguir, trazemos três textos que incluem os contextos latino-americanos a que fazemos referência para ilustrar as idéias anteriormente expostas.

## **BRASIL**

### **TEXTO**

(E aí, véi: de Érica Montenegro, textos extraídos do jornal *Correio Braziliense* do dia 30 de julho de 2006)

### **O falar do jovem brasileiro**

#### **Numa noite de sábado**

–E aí: Di boa;  
–Di boa. E tu.

- Tô a fim de zoar na night
- Ô, tem uma parada dum chegado meu lá na Sul Bora
- Quem é o cara
- O bicho estuda comigo, é gente boa. Festa limpeza, na liberal. Só precisa levar as bira.
- Pô, mas nem conheço o bicho.
- Abstrae, cara. Tô falando que ele é di boa.
- Vai ter mina
- Lógico que vai. Muita mina.
- E tu tá de carro.
- Não tô. Vou de busu ou de pé dois.
- Então tô fora. Não ando de busu por nada. Muito menos de pé dois.
- Beleza, mane. Tá xaropando, então fica morgando em casa.

### No dia seguinte

- Véi, tô passado.
- Que foi
- A festa foi sinistra. Muita bira. As mina alucinaram.
- Como assim.
- Tu acredita que as mina, altas mina gata só queriam saber de pizza.
- Sério. Bizarro, véi. E tu, pegou alguma
- Nada. Só levei toco. Essas mina tão fora de controle. E tu.
- Cara, meu velho está embaçando. Verdadeiro pé no saco. Não tá liberando grana.
- Por quê
- Bombeí na facul, ele resolveu xaropar.
- Véi, os coroa são tudo assim. Relaxa, daqui a pouco ele volta ao normal.
- Tu não ta entendendo. Meu coroa é to pressão, perturba minha mente o dia inteiro.
- Véi, dropa a situação. Bate um papo com ele.

## CUBA

### TEXTO

(o texto foi extraído de *Depestre Catony*, L 1985)

-Dame un *prajo*, *nébole*.

Le alcanzo un cigarrillo y continúo en lo mío. Conozco bastante bien a Tano como para tomarme la molestia de mirarlo. Sé que no voy a encontrar nada original en sus ademanes de guapo.

-Bueno, *Que bolá* Has sabido de Antonio, hay quien dice que está *encanao*, pero ni la familia sabe dónde está metío – me pregunta sólo por conversar.

Yo tampoco estoy enterado, así es que no le contesto. Sigo en lo mío.

-Oye, *asere*, verdá que tú eres un tipo raro. Uno te está hablando y tú en lo tuyo, *embarajando* siempre. Un día de éstos te van a *dar un cascarazo* por tu *bobería*.

-¡Bah! –le digo para exasperarlo, y continúo grabando el cabo del cuchillo.

-Te has *fijao* en la cantidad de *ñanas* que han *botao pa' la calle*. Parece que se ha *pirao* algun *peje grande*. Has oído algo.

Yo, en lo mío, trabajándolo más a él que al propio cabo que desde hace rato manoseo. No le contesto. Ya Tano está a punto de marcharse; está aburrido y con buenos deseos de hablar. El delincuente común es un entye sicológicamente simple que necesita expresarse y mostrar “el también cuenta”, que no es un Don Nadie. Ahora es el momento:

-Oye Tano, que hay de lo de Roberto Logró esconderse.

Tano se sienta, coge mi cajetilla y enciende otra *bala*.

-*Dicen las malas lenguas*, no me creas, pero dicen que la *tembana* aquella con que andaba, Cecilia, lo tiene escondido.

-Cuál Cecilia, la de la Lisa

-No, *asere*, qué la Lisa *ni ocho cuartos*. Aquí cerca, en Lamparilla, la que llaman “la Rubia”.



–¡Ah! Y anda con la *fuca* o la botó

–Que si anda. Anda *ensillao* el día entero. No hay quien se le arrime, y con él está un *macri gambao* que parece medio *zonzó*, pero que es *hombre de agallas*.

–Te digo, Tano, que Roberto mató al “*Largo*” por gusto. Tú no estabas el día del velorio, pero yo, que sí estuve, te garantizo que eso no va a quedar ahí. Yo estaba cerca cuando un tipo de bigotes rojos se le acercó a la *pura* del “*Largo*” y le dijo: “no se preocupe, señora, su hijo tiene hermanos”.

–Bueno, allá él. Aunque no va a ser fácil *pescarlo*, porque seguro que él no va a estar mucho tiempo con la “*Rubia*”.

–¡No sé dónde se va a meter! Seguro que *está en carne*.

–Sí, quien sabe...

Se pone en pie, como hombre ya desahogado, importante, conoedor.

–Ahora voy pa’*gao* de Luisa, la *perica* que empaté anoche.

–*Agarra un taxi*. Res un tipo de *astilla*.

–No, ¡qué va! En la *rufa*, *consorte*, en la *rufa*. No puede uno llamar la atención.

Lo veo alejarse y me quedo observándolo: bien vestido y calzado, con su patilla larga con su paso elástico. “Este Tano también va por mal camino”, me digo. Yo entretanto, con mi andar *guaposo*, mis pantalones de pliegues y la *motá* sobre las orejas me encamino a la cita que tengo con mis compañeros en el Ministerio.

## TEXTO

(o texto intitulado “Siete maneras de pedir una bebida en español” foi extraído do jornal *El País*, 13-11-2004)

## CHILE

Por Diamela Eltit

Achurrascado, con la caña mala, reseco el guarguero, aguardo. Es la hora en que el carrete crece y se dispara. Yo aperro. Parecería que el culpado no me ve o no quiere ojearme, se hace el huevón y antes de seguir con los vasos y las botellas me dice: “Sí, sí, al tiro, al tiro” Y se larga como las velas. Tengo en el bolsillo (derecho) dos lucas. Sí. Dos lucas. Un pipeño o una chichita o un cola de mono. Y me trajino hasta que encuentro en el bolsillo (izquierdo) una, dos, tres, cuatro gambas. Más las dos lucas. Me alcanza para enganchar un enguindado. El cabro gil que está en la mesa de al lado se ríe con la jeta abierta y todos le podemos ver el manso hoyo, porque le falta uno de los chocleros de arriba. Dos lucas más cuatro gambas, sin micro, a pata. Ya viene de nuevo el huevón, con su paso de huevón, con su cara de pailón huevón: Ya poh, huevón, le digo, “por qué no me traís de una vez por todas un pisquito, huevón culeado, concha de tu madre”.

## CUBA

Por Reinaldo González

Yo sé que hay gente de café con leche, de chocolate con churro y esas puñeterías del desarrollo, pero lo mío es lo menos, que es lo más, desde chiquito soy enfermo al guarapo, si hasta sueño con que llego a una guarapera y me espera un vaso que se desborda, el guarapo es mi delirio y mi fatalidad, que no lo hallas ni en los centros espirituales, menos en la Habana, donde el guarapo es un milagro que ni los de Fátima, pero esta mañana, en cuanto puse un pie en la acera miré pa1 enfrente y aquello sí era un desembarque en la guarapera de la esquina, asere, dos camiones desbordaos de cañas media lina sudadas de lo preñadas que iban y me dije esta tarde no hay quien te regatee el guarapo, mulato, y salí a romper todas las metas,

trabajador de vanguardia con tal de sentir por el gasnate el líquido sabrosón assuca de Celia Cruz, sentirme Laurence de Arabia en un oasis, no me importaron los apretones del camello y el tirijala de los palestinos colaos, dicurpe compañero, así, así, machihembraos, como le decimos en Guantánamo, compañero un poco de solidaridá, y si aguanté al jefe de brigada fue por arrimarme al vasito sudao, así que a las cinco en punto de la tarde, aterricé sin paracaídas en la esquina de la guarapera, diciéndome que yo sí soy patriota, que otros se fajan por el güisqui, la bebida del enemigo, pero yo lo doy todo por el guarapo, pero coñoooo, tremenda cola, que dan, nada, t lo venden, quienrúultimo, caballero, no hay úultimo, ah, pero aquí tengo guara con la guarapera, la culona, quien dice que en Cuba no har carne, lo que no hay es como envasarla, le bajo sonrisa de castigador, ya me dijo el tuert que ésta q1uema petróleo, qué va, asere, como si con ella no fuera, me señala el administrador con cara de cepepé con estreñimiento, y viro pa1 jón y allí a quien veo, a Pepe el Majá con cara de pasao con ficha, y salto y me le cuadro, mira que me debes una, Pepe, te doy una monja por un pepino de guarapo, mi hermano, estoy como Pecos Hill en el desierto, no hay tema, asere, dice con una sola muela el eficaz del Monje, escúrrete que te llevo en esta y al final, guarapito que tú conoces, con su tajadita de limón frío de película sueca, ah, broker, tu eres el uno, el que tiene un amigo tiene un central, tú si eres un social de a buti, le digo cuando aparece y me suelta la condición, un chavito de a cinco por encima, que aquí to' el mundo está en la misma batalla. Coño, Pepe, desde el amago me saliste garrotero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que nos fazemos usuários e falantes da língua, percebemos as divergências e as transformações sofridas no âmbito social, o que vem ocasionar os diferentes níveis de linguagem. A gíria é uma nova linguagem, é a regeneração da língua. É a forma de expressão e comunicação usual, das ruas, de todas as pessoas, de todas as classes, sexos, religiões, idades e raças. Nos dias de hoje, temos a gíria dos mauricinhos, dos skatistas, das patricinhas, dos surfistas, dos punks, dos freqüentadores de bailes funks, etc. No fundo, todos procuram um jeito fácil e acessível de falar as mesmas coisas, adaptadas às suas realidades, suas roupas, seus gestos e seu poder aquisitivo. O que importa é se comunicar. Compreender e ser compreendido. E para isso, todo o esforço é válido, em outras palavras, quem não se comunica, se trumbica.

A gíria pode ser um linguajar muito adequado à expressão informal; é colorida, expressiva, trepidante, dinâmica e, se você não está familiarizado com a gíria que anda na boca da galera, não fique bolado. Desencane. Vai vazando. Sempre é tempo. Não pira na batatinha e passe a ficar mais antenado, quando algum mauricinho ou patricinha começar a zoar perto de você. De lei que é irado para você aprender. Na próxima balada, você vai bombar e não vai pirar com nenhum papo supercabeça, sacou? Como podemos observar, esses e outros tipos de linguajar nós professores ouvimos nos corredores, na porta da sala de aula e dentro dela e muitas vezes por desconhecimento não conseguimos decifrar a idéia da mensagem.

Podemos então concluir, que a gíria é uma linguagem típica de um grupo social e pode se caracterizar por bairro, gueto, profissão, idade, classe social, etc. Ela sempre existiu e sempre vai existir, pois queira ou não faz arte do nosso dia-a-dia. Celso Antunes, mestre em Ciências Humanas, especialista em Inteligências Múltiplas e Linguagem Cognitiva, afirma que a gíria faz parte de todas as juventudes, é como uma roupa que a pessoa veste conforme o ambiente, compara. O essencial, segundo Antunes, é saber “se vestir” de acordo com a

ocasião. O problema surge quando o adolescente não sabe diferenciar o momento adequado para as gírias. Da mesma maneira, soaria antipático usar uma linguagem erudita com seu grupo de amigos, considera o educador. Resta, assim, reconhecer o papel que a gíria tem dentro da sociedade e estudar mais esse fenômeno lingüístico que ainda hoje é visto com um olhar preconceituoso.

---

## BIBLIOGRAFÍA

- Cardona, G. R.** (1991): *Diccionario de lingüística*. Barcelona, Ariel.
- Cunha, C. F. da** (2004): “Em torno dos conceitos de gíria e calão” em Pereira, Cilene da Cunha *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. Academia Brasileira de Letras.
- Dauzart, A.** (1946): *La vida del lenguaje*. El Ateneo.
- Depestre Catony L.** (1985): *Consideraciones acerca del vocabulario cubano*. La Habana, Editorial de Ciencia Sociales.
- Foracchi, M.M.** (1972): *A juventude na sociedade moderna*. Sao Paulo, Pioneira.
- Jota, Z. S.** (1976): *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro, Presença.
- Goffman, E.** (1992): *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- Melucci, A.** (1997): “Juventude, tempo e movimentos sociais” em *Revista Brasileira de educação. Juventude e contemporaneidade* Nº 5-6.
- Mounin, G.** (1993): *Dictionnaire de la lingüistique*. Paris, Quadrige, PUF.
- Nascentes, A.** (1953): *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- Preti, D.** (2000): “Transformações do fenômeno sociolingüístico da gíria” em *Revista da Anpoll* Nº 9, pp. 213-226.
- Rector, M.** (1994): *A fala dos jovens*. Petrópolis, Vozes.
- Rector, M.** (1975): *A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolingüística*. Petrópolis, Vozes.
- Serra e Gurgel, J.B.** (2000): *Dicionário de gíria*. Brasília, UnB.
- 

## ANEXOS

Nestes anexos apresentamos um pequeno glossário com algumas gírias usadas nos países aqui pesquisados (Brasil, Chile e Cuba).

### BRASIL

- Abrir o bico** - falar.
- Aperreada** - provocada.
- Assanhada** - provocadora, excitante.
- Assim ou assado** - de qualquer maneira.
- Babão** - pegajoso, apatetado
- Baiacu de praia** -mulher gorda.
- Birra** - implicância.
- Botar os bofes pela boca** - cansado.
- Bugiganga** - objetos, coisas.
- Cacarecos** - tralhas, coisas velhas.

**Caco velho** - pessoa idosa.  
**Encher o bandulho** - engravidar.  
**Encontrar furo** - solução, saída para dificuldades.  
**Fazer cera** - fingir que trabalha.  
**Ficar de pés unidos para sempre** - morto.  
**Ficar de alcatéia** - vigiar.  
**Forrobodó** - festa, diversão.  
**Furo** - solução, saída para dificuldades.  
**Galinha** - mulher sem classe.  
**Gambá** - bêbado.  
**Gira** - doida.  
**Goela seca** - sem beber.  
**Jururu** - pessoa triste.  
**Lambuzão** - mal arrumado, sujo.  
**Lixe-se!** - dane-se!  
**Matreiro** - calculista.  
**Meter no chinelo** - superar.  
**Morcego** - guarda-noturno.  
**Nada de rolo** - nada de confusão.  
**Não me amole** - não me irrite.  
**Não meter prego sem estopa** - não perde tempo.  
**Os podres** - maus procedimentos.  
**Ora bolas!** - vejam só.  
**Pamonha** - bobo, palerma, otário.  
**Patavina** - nada.  
**Pé-de-boi** - trabalhador.  
**Perder o seu latim** - o que você fala ou diz não tem importância.  
**Perder a tramontana** - perder o rumo.  
**Rolo** - confusão.  
**Rusga** - desentendimento.  
**Sirigaita** - mulher devassa.  
**Surumbamba** - confusão.  
**Temos mouro na costa** - pessoa estranha por perto.  
**Tetéia** - presente, lembrança.  
**Traste** - pessoa imprestável.  
**Urbano** - polícia.  
**Vai te catar!** - procure o que fazer.  
**Vavau** - confusão.  
**Zumba** - confusão.  
**Zunzum** - barulho.

## CHILE

**Abanicarse** - 1. Sentirse suficientemente capacitado para hacer algo. 2. Realizar determinado trabajo con mucha facilidad  
**Abrir el tarro** - 1. Hablar más de la cuenta. 2. Dar información a la policía.  
**Achacado** - 1. Persona urgida o apurada por algo. 2. Que sufre angustia. 3. Persona a la cual se le imputan delitos u otra acción cometida por otros. 4. Situación que se da por terminada.  
**Andar con la roca** - Andar con un apetito sexual producto de una abstinencia prolongada.  
**Apretar cachete** - Huir.  
**Armarse** - Hacer fortuna, lograr éxito económico empezando con muy poco.  
**Atacar lata** - Normalmente las secciones de las cárceles están dispuestas para aislar a los reos que temen por su seguridad, están completamente recubiertas con latones, precisamente, para no

- permitir el más mínimo contacto entre este tipo de reos y el resto de la población penal, de manera que “atacar lata” es llegar a la condición de aislado.
- Atacar rancho** - Comer de la comida que se da en los penales, cuestión que sólo hacen los que no tienen visitas o patitos, conducta que es mal vista por el resto de la población penal.
- A todo Morrison** - Id. A todo ritmo, paronimia del rockero Jim Morrison originada en la pronunciación al vesrre de ritmo, sonando morrit y de ahí su extensión a Morrison.
- Bagallo** - 1. Paquete que se oculta producto de un robo. 2. Mujer sin atributos. 3. Problema. 4. Persona problemática o sin atributos.
- Bajarse los calzones** - 1. Aceptar algo sin poner condiciones. 2. Aceptar una rebaja cuando se vende algo.
- Balurdo** - Sistema para engañar a incautos que consiste en dejar caer un paquete o “balurdo”, que simula ser algo de mucho valor, en presencia de otra persona a la que se le quiere estafar o gil. El compañero del que bota el balurdo, acuerda rápidamente la entrega de dinero u otro valor a cambio del balurdo, aduciendo la proximidad de gente que puede observar la situación si intenta mirar con más detenimiento el paquete. La rapidez con se actúe es vital para lograr la estafa.
- Barata, sacarla** - 1. Obtener el mínimo de consecuencias en un acto delictual. 2. Obtener una condena leve en un juicio en el cual se pudo tener peor suerte.
- Breva, el** - Una forma que adopta la tercera persona singular en el coa.
- Brígido** - Peligroso. La situación se dice que está brígida cuando por intuición o por información más o menos confiable se sabe que la policía dará un golpe certero. En la cárcel, cuando hay ambiente de enfrentamiento entre los internos o de represión por parte de los custodios.
- Buena, pegarse a la** - Sumarse sigilosamente a una empresa ajena.
- Burrero** - Aficionado a las carreras de caballos.
- Burro** - 1. Que transporta droga de contrabando en pequeñas cantidades. 2. Producto de un robo.
- Buqué** - Mal aliento.
- Cachar el mote** - Darse cuenta de algo que se trata de ocultar.
- Cachá** - Gran cantidad.
- Cachudo** - 1. Que sospecha la ocurrencia de una situación determinada, sin tener pruebas concluyentes. 2. Engañado por su mujer.
- Caerse el helado** - Tener actitudes de homosexual.
- Caerse el casset** - 1. Hablar más de la cuenta. 2. Dar información a la policía.
- Caerse la ficha** - Dícese que se “cae la ficha” cuando una persona ha hecho alarde de conductas valoradas por sus pares, pero que se ha sabido posteriormente de su falsedad. Por ejemplo, arrogarse asaltos que han sido admirados por otros debido a su espectacularidad, pero que después se ha sabido que dicha acción fue en realidad cometida por otros.
- Cagar** - 1. Afectar a alguien. 2. Engañar a alguien su pareja. 3. Agredir. [4. Defecar]
- Caldear** - Pensar demasiado, darle muchas vueltas a una situación conflictiva. Normalmente, los reos primerizos “caldean” al verse enfrentados a la situación de estar preso.
- Caleta** - 1. Lugar para ocultarse de la persecución policial. 2. Una gran cantidad de algo.
- Calzar** - Atrapar.
- Calzoncillo, manda** - Dícese cuando el hombre es el que manda en el matrimonio.
- Calzón, manda** - Dícese cuando es la mujer la que manda en el matrimonio.
- Cama, hacer la** - Indisponer a una persona con sus superiores, con el propósito de hacerle perder su situación o sus garantías.
- Cambiaditas** - Este juego erótico consiste en cambiarse las parejas durante una fiesta, teniendo ellas relaciones sexuales.
- Candy, venir por** - Estar preso por muy poca cosa, por lo tanto arriesgar muy poco tiempo en prisión. Un “Candy” es un caramelo de muy bajo costo.
- Cantimplora** - Mujer u homosexual que en los regimientos se ofrece para que los conscriptos forniquen de vez en cuando.
- Cara de callo** - Caradura, persona que no se inmuta frente a una conducta delictual, aun cuando sea descubierto.
- Carne amarga** - Sujeto muy malo.

**Carta solidora** - Persona en la que se puede confiar.

**Cazuela** - 1. Proceso judicial. 2. "Andar atrasado en unas cuantas cazuelas", andar en estado de inanimación.

**Coa** - Lenguaje del hampa chilena. La palabra *coa* tiene su origen en la palabra española *coba* - Embuste, adulación. Dar coba - adular (*Diccionario Pequeño Larousse*), probablemente originada en el caló español, el lenguaje de los gitanos. Otros dicen que viene de la Germania, antigua jerga española, y sería una deformación de *boca*. 2. Palabra o expresión de este lenguaje.

**Coco de mono** - Cosa de muy poco valor.

**Comisión** - Comisión ilegítima que es pagada, bajo cuerda, a un vendedor en el caso de una compraventa.

**Colgar** - Asaltar.

**Coña** - Marihuana.

**Copete** - Cualquier tipo de bebida alcohólica.

**Cuadrilla** - Grupo de personas afines que pelea o roba juntas.

**Cuca** - Vehículo policial.

**Cuchufleta** - 1. Engaño. 2. Truco efectuado en el juego de dominó que consiste en poner una ficha incorrecta sin que los demás se den cuenta.

**Cuelga de ajo** - Asalto con intimidación.

**Cuello, venir a** - Llegar a la cárcel si haber confesado a la policía.

**Cuico** - 1. Persona de apariencia acomodada y de modales afectados. 2. Abogado joven y sin mucha experiencia que realiza su práctica profesional en los penales defendiendo a quienes no pueden procurarse uno por sus medios propios.

**Cuña** - Amistad que favorece en una institución.

**Cutra** - Cámara de neumático usada para el contrabando de aguardiente.

**Chamullar** - Mentir con mucha naturalidad, haciendo gala de gran despliegue de argumentos, los que muchas veces contienen elementos verdaderos para reafirmar su credibilidad.

**Chancho, mal pelado el** - Dicese cuando hay una distribución injusta de bienes o del producto de un robo.

**Chantado** - 1. Persona que ha dejado de consumir alcohol o drogas. 2. Persona que ha decidido dejar de delinquir.

**Chapa** - 1. Nombre supuesto. 2. La identificación de la policía.

**Chaplin** - El que se arrepiente de algo.

**Chaqueta, darse vuelta la** - Traicionar, pasarse al bando contrario.

**Charquear** - 1. Dejar algo en muy malas condiciones después de haberlo usado. 2. Dejar en muy malas condiciones a una persona mediante golpes o heridas con arma blanca.

**Chasca** - 1. "Anda de chasca" quien está huyendo de la policía o de algún rival. 2. "Salir de chasca" es huir intempestivamente de un sitio en que se corre serio riesgo. 3. Pelo enmarañado.

**Chicharra, meter** - Entablar conversación con el propósito de desviar la atención de la potencial víctima.

**Chiporro** - Novato.

**Chirimoyo** - Cheque sin fondos.

**Chocolate** - Sangre.

**Chorear** - 1. Robar. 2. Aburrir.

**Choreo** - 1. Acto de robar. 2. Producto del robo.

**Choro** - 1. Vagina. 2. Persona respetada por su habilidad para enfrentarse con arma blanca.

**Choro canero** - Delincuente que habitualmente cae preso y que por esta razón domina las costumbres y códigos de la vida carcelaria.

**Choros de esquina** - Pandilleros.

**Chupete, hacer** - 1. Aprovechar la oportunidad cuando el objetivo del robo no presenta mayores obstáculos. 2. Aprovechar al máximo las oportunidades de comer y/o beber. 3. Fornicar.

**Chuzazo** - Estocada, herida con arma blanca.

**Dar filo** - Deshacerse de la compañía de alguien inconveniente o inoportuno.

**Dar la pasada** - 1. Aceptar la mujer relaciones sexuales. 2. Hacer la vista gorda la policía.

**Dar Mariana** - Dar falsa información, despistar.

- Dar la parte** - Pagar indebidamente a agentes de la policía para seguir en actividad y no ser detenido.  
A veces, además, se es presionado para transformarse en delator.
- De achaque, ganar** - Convencer mediante el trato zalamero.
- Dedos, meter los** - Robar a las personas metiendo las manos o los dedos en los bolsillos o carteras.
- Delantera** - Senos de mujer.
- De prepo** - Con prepotencia.
- Despachar** - Matar.
- Desplumar** - Robar.
- Destapar la olla** - Permitir que se sepa un secreto.
- Destañir** - Dícese que una persona “destañe” cuando las expectativas puestas en él no se cumplen.
- Dibujar bonito** - Tener valor, audacia, capacidad, ser vivo.
- Diosa blanca** - Cocaína.
- Echado para delante** - Que es capaz de aceptar un desafío, arrogante, valiente.
- Echar para delante** - Revelar la responsabilidad de una persona en determinada conducta o acción ante los demás o a la policía.
- Echarse a uno** - Matar a alguien.
- Echar la foca** - Desafiar.
- El breva** - Referencia a una tercera persona en forma sarcástica.
- El que la lleva** - Persona que manda en una situación determinada, por ejemplo, el que lidera un asalto o es el jefe de una banda.
- Encanado** - Dícese de la persona que está presa.
- Encanar** - Caer preso.
- En la pitilla** - Que está en situación de mucha carencia, pobreza.
- Entrarle agua al bote** - Empezar a sentir los efectos del consumo de alcohol.
- Estar parque** - Ser suficientemente conocido, repetido.
- Esteban** - Id. Este mes
- Este huevo quiere sal** - Dícese de una mujer cuando coquetea con un hombre.
- Facha** - Vestimenta.
- Falopa** - Cocaína.
- Farrearse** - 1. Malgastar bienes o dinero. 2. Desperdiciar una oportunidad.
- Fiambre** - Cadáver.
- Fierro** - Arma de fuego.
- Fiftififti** - “Mitad y mitad” al repartir las ganancias.
- Forro** - 1. Problema. 2. Prepucio.
- Frito, estar** - Estar en situación de grave compromiso de la seguridad o la libertad.
- Fundirse** - Quedarse con dinero o bienes que corresponden a otros.
- Gamba** - 1. Billeto o moneda de cien pesos. 2. Cien mil pesos. 3. Pie grande.
- Gil** - 1. Gente de la calle, común. 2. Incauto. 3. Persona objeto de robo.
- Guardado** - El que está preso.
- Guata** - 1. Mujer gorda de mal aspecto. 2. Un millón de pesos.
- Guata de callo** - Persona que es sumisa con otra, rastrero.
- Guiso** - Comida.
- Güevear** - Bromear.
- Hacer la boleta** - 1. Matar. 2. Golear en un partido de fútbol.
- Hacer la muela** - Quedarse con parte del botín.
- Hacer perro muerto** - No pagar el consumo hecho en un restaurant.
- Hacer un sucio** - Jugar sucio, traicionar.
- Hacer un Harry** - Id. Hacer un sucio.
- Hongo, valer** - 1. Tener muy poco valor. 2. Persona despreciable.
- Invento** - Asunto, negocio, algo truculento e improvisado.
- Jai** - Persona adinerada y de buena educación.
- Jaibón** - Hombre elegante y adinerado.
- Juanito** - 1. Persona de pocas luces que obra de recadero de otros. 2. Trato despectivo.
- Lechugas** - Dólares.

**Lenteja** - Persona lenta.

**León** - Práctica usada en el grupo que consiste en instalar un trozo de pan en la fuente en la que se ha servido una pichanga, y que significa que nadie puede seguir comiendo mientras el que instaló el "león", no lo retire. Sirve para regular la velocidad del consumo.

**Limpio** - Que no tiene antecedentes penales.

**Luca** - Billeto de mil pesos.

**Macoña** - Marihuana.

**Machetear** - 1. Pedir dinero. 2. Comer o beber a expensas de otros.

**Malandra** - Delincuente.

**Matute** - Contrabando.

**Mentao** - Nombrado, que tiene fama.

**Meter la mula** - Estafar, engañar con algún objeto falsificado.

**Meter mente** - Influnciar a pensar de determinada forma, instigar.

**Merme** - Persona estúpida.

**Mucho gorrión en el alambre** - 1. Expresión que se refiere a la existencia de muchas personas al momento de hacer algo. 2. Testigos.

**Mula** - Estafa.

**Naranja** - "No", negación.

**No estar ni ahí** - No importar lo que está sucediendo. Esta expresión derivó en este significado, pero se origina en la respuesta que da el detenido al ser enfrentado con el juez y/o su víctima. El detenido dirá - "Yo no estaba ni ahí..." al ser interpelado por su responsabilidad en el acto delictual. Con esto querrá decir - "No pude haber sido yo, por cuanto ni siquiera me encontraba en el lugar de los hechos". "No estar ni ahí", hoy se entiende como sinónimo de indiferencia.

**No ganarle a nadie** - Descalificación, no tener atributo alguno que sea reconocido por el resto.

**Ochoa** - El número ocho.

**Oreja de caballo, estar** - Se refiere a estar atento a lo que está sucediendo, haciendo referencia a la forma en que pone las orejas el animal cuando está atento a lo que pasa a su alrededor.

**Orégano** - Oro.

**Paco, caerse el** - 1. Hablar de más. 2. Entregar información.

**Pagar en género** - Cancelar una deuda mediante una relación sexual.

**Pailas** - Orejas.

**Palo** - Un millón de pesos.

**Palo gringo** - Un millón de dólares.

**Palo grueso** - Persona adinerada.

**Pantalla** - Fachada que oculta la verdadera naturaleza de una persona o una conducta de ella.

**Papito corazón** - El que es detenido por no pagar la pensión alimenticia de sus hijos.

**Patatas negras** - Que tiene relaciones sentimentales con la mujer de otro.

**Peineta** - Buen mozo.

**Peludo** - Una situación es peluda cuando conlleva grave riesgo o peligro.

**Piano, tocar el** - Registrar las huellas digitales en la policía.

**Pico de oro** - Hombre mítico de grandes cualidades amorosas.

**Pilsoca** - Cerveza.

**Piñufla** - 1. De mala calidad. 2. Que tiene pocas fuerzas.

**Plancha** - Vergüenza.

**Poner antenas a televisores malos** - Adjudicar cualidades a quien no las tiene.

**Ponerle pino, ponerle wendy** - 1. Poner empeño en un trabajo o esfuerzo. 2. Tomar y comer de buena calidad.

**Poto a dos manos, estar con el** - Encontrarse en una situación de mucha aflicción.

**Poto de pila** - Pesimista.

**Psicoscado** - Sentirse perseguido, angustiado, nervioso, desesperado.

**Pulento** - 1. Opulento, de buena calidad. 2. "Está bien", "De acuerdo".

**Retobado** - 1. Rebelde. 2. Que no acepta órdenes.

**Sablear** - Pedir dinero prestado sin mucha intención de devolverlo.



- Salvatore Adamo** - Situación o persona que ayuda a resolver una situación problemática.
- Sangre pato** - Característica de quien enfrenta situaciones difíciles con sangre fría.
- Sapear** - 1. Vigilar. 2. Entregar información a la policía.
- Salvar el pelo** - Cooperar con la policía para poder seguir operando, incluso pagando periódicamente a los agentes.
- Sebastián** - El número seis.
- Se le cae** - Dícese del que se acobarda ante el desafío.
- Sobre** - Cama.
- Tapla** - Dinero.
- Tecla** - Anciano(a).
- Tener corazón** - Tener actitud de valentía ante el desafío.
- Tener fuerza** - Tener influencias en determinada situación o respecto de una mujer.
- Tellebi** - Dinero.
- Tirarse al suelo** - Adoptar una actitud de humildad.
- Trenzarse** - Involucrarse en una riña.
- Trompa** - Jefe, patrón, el que manda.
- Vacuna** - 1. Estafa. 2. Persona que estafa o engaña. 3. Mala persona.
- Vagoneta** - Vago.
- Vinchuca** - Audaz, mujeriego.
- Yuta** - 1. Policía. 2. Carro policial.
- Zabeca** - Cabeza.
- Zambacanuta** - 1. Fiesta de grandes dimensiones. 2. Desorden.
- Zapato de cañiche** - Calzado muy ostentoso de colores inusuales.
- Zapatear en dos fondas** - Tener amoríos con dos personas simultáneamente.
- Zarpar** - Aceptar un desafío a pelear.
- Zetear** - Dormir (de Zzzz).
- Zoronca** - Corazón.
- Zurcir** - Apuñalar, agredir gravemente con arma blanca.
- Zombeca** - Cabezón.
- Zumbar** - Coquetearle a una mujer brindándole halagos.

A gíria chilena chamada de coa tem um vizinho notável –o lunfardo argentino– a gíria bonaerense. Da gíria portenha, a coa toma uma boa quantidade de termos. A palavra coa tem a sua origem na palavra espanhola “coba” = embuste, adulação, dar coba= adular, que talvez se originou-se no calô espanhol, a linguagem dos ciganos, embora alguns especialistas acreditem que a palavra coa seja uma deformação de “boca”. Como quer que seja, os chilenos transformaram a palavra que chegou a ser “coa”, cuja definição contemporânea poderia ser “a linguagem que tenta ser crível”. Algo assim como “engrupir”.

## CUBA

- Aguaje** - revuelo, agitación. Se usa entre los estudiantes.
- Amarillarse** - acobardarse e retroceder ante una situación o ante alguien.
- Ambia** - persona de confianza, compañero, amigo.
- Asere** - forma de dirigirse a un amigo.
- Astilla** - dinero.
- Bajar un número** - aparecerse de repente con una noticia o información inesperada y desagradable capaz de desarticular un plan.
- Bala** - cigarrillo.
- Ser un barco** - ser una persona en cuya palabra no se puede confiar. Cuando se trata de mujer, quiere decir de fácil acceso.
- Baro** - billete de peso. Dinero. **Tener un baro largo**, significa tener mucho dinero.

**Coger, montar berro** - Malhumorarse, perder la paciencia.

**Brode** - Corrupción del mal gusto del inglés *brother*, hermano.

**Estar en curda** - Estar borracho.

**Gao** - casa.

**Giro** - actividad, asunto, negocio, generalmente ilegal.

**Estar en guara** - estar en buenas relaciones, tener simpatías, enamorar.

**Guardar el carro** - morir.

**Guayacán** - moneda, peso.

**Guero** - fiesta.

**Dar guiso** - matar.

**Hierro** - cualquier tipo de arma para la defensa, cuchillo, pistola, etc.

**Jinetear** - traficar, vender artículos adquiridos ilícitamente.

**Jeva** - compañera, mujer, novia, esposa.

**Jiña** - tener mala voluntad a una persona, odiar.

**Juma** - borrachera.

**Lagarto** - cerveza.

**Macri** - hombre blanco.

**Ser mamey** - de excelente calidad.

**Mayimbe** - jefe de alta jerarquía, es una palabra que tiene connotación peyorativa.

**Monja** - billete de cinco pesos.

**Dar muela** - conversar con facundia.

**Paluchero** - charla frívola con embuste y adulación.

**Pantalloso** - individuo alardoso, que exagera.

**Perica** - mujer.

**Pilón** - goloso.

**Pura** - madre.

**Qué bolá** - como estás.

**Quemar el tenis** - apresurarse, ir a la carrera.

**Rufa** - ómnibus.

**Sacar el sable** - sorprender con elementos de argumentación desconocidos, cambiar una situación repentinamente.

**Ser un sapo** - individuo de mal agüero, predecir desgracias.

**Taco** - zapatos.

**Tener tabla** - individuo de buen carácter que no pierde los estribos ante una broma.

**Tocar con limón** - tener en cuenta, incluir o considerar a una persona en una actividad o repartición.

**Vender el cajetín** - abandonar, rehusar la compañía de alguien.